mocidade
portuguesa
feminina
D. Felipa de
Lencastre

SUMÁRIO

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

N.º 9

BOLETIM MENSAL

JANEIRO

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 46134.

Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

ASSINATURA AO ANO: 12$00

PREÇO AVULSO: 1$00

FORJA DE ALMAS

DURANTE o longo período da guerra de 1914, o rei Alberto I da Bélgica, foi durante algum tempo hóspede de uma senhora veneranda, a cujo palácio o rei se viera refugiar.

Todos os dias, logo de manhãsinha, o rei levantava-se e dirigia-se ao seu quartel general.

Um dia a senhora teve a curiosidade de entrar no quarto do rei, logo após a sua saida. Sôbre a mesinha de cabeceira estava um livrinho. Abriu-o: tratava-se de um livro de piedosas meditações — e um sinal marcava uma página do volume. A senhora fixou o número da página, e no dia seguinte, entrando de novo no quarto, pôde verificar que o sinal tinha avançado algumas páginas. E o caso repetiu-se nos dias seguintes.

Quere dizer: — o rei da Bélgica, a-pesar-das preocupações tremendas da guerra, não saia do seu quarto, sem primeiro ter feito a sua meditação...

Num dos muitos livros escritos últimamente sôbre essa figura extraordinária de homem cristão que foi o grande Lyautey, Garric conta-nos um passo de uma conversa que o escritor tivera com o grande militar na sua propriedade de Thorey — lugar preferido por êle para se recolher e ouvir melhor as vozes interiores — êle, o homem da acção. A meio da conversa, Lyautey, tem esta saida:

«Senhor, Senhor! — Um pouco de calma! Um bocadinho de noite, de socêgo, de horas só para mim, para regressar a mim mesmo, para pensar em paz... Um pouquinho de conversa em socêgo, séria, longa e calma... Um pouco de oração feita de joelhos, a cabeça entre as mãos, em meditação sem fim...»

As grandes almas nunca dispensaram as horas de silêncio e de meditação. E quanto mais ocupadas, mais ambiciosas de recolhimento e de solidão.

Estes momentos de fuga, de evasão, são-lhes mais necessários de que todas as horas agitadas e barulhentas, as chamadas horas da acção.

Avisinham-se de Deus, encontram-se com Êle frente a frente — e destas falas repousadas e interiores, as almas saem outras, mais compreensivas, mais humanas e mais elevadas. O contacto com Deus e consigo mesmas deu-lhes o melhor sentido das coisas e dos homens.

Tantas vezes me pregunto porque é que o homem moderno — e a rapariga moderna em especial — tão pouco sabem saborear as horas de meditação...

...porque será que vão desaparecendo os homens interiores, os homens da meditação e dos longos silêncios...

Será por isso que hoje há tanta vulgaridade, e tanta mediocridade e tanta alma sem elevação?...

Que voltem para o meio de nós, tão preocupados com as coisas mesquinhas da vida, sempre de roda do «pão nosso de cada dia» — que voltem para nos ajudar a equilibrar neste século de velocidade e campeonatos, as almas místicas — os contemplativos — e que cada uma de nós se dê cada dia alguns minutos a si mesma — à sua alma...

G. A.

UM DESABAFO

Querida Guida

Estou tão impressionada com uma cena que presenciei há um instante, que tenho que te escrever para desabafar contigo, como sempre faço, e dizer-te os meus pensamentos sôbre o assunto. Ora ouve: Uma rapariga muito elegante, bonita, e, nota bem, bastante boa, diz para outra rapariga igualmente elegante e bonita, mas que eu e ela própria, sabíamos ter poucos meios: «Estás a ficar um pouco gorda, porque não adoptas o golf, como exercício certo, que te divertiria e... imagreceria? Vou hoje ao Estoril jogar, se quiseres, posso-te inscrever como sócia. Sei que gostas da vida ao ar livre; porque hesitas em a ter, pelo menos duas vezes por semana?» A outra rapariga não respondeu e sorriu, mas quando a «jogadora» saiu, deixou de sorrir e eu vi duas lágrimas caírem-lhe pela cara abaixo.

Porque é que ela hesitava?... Mas porque é caríssimo para quem vai de Lisboa e tem de comprar todos os emplementos! E não só isso, calcula o tempo que se perde, e pensa também, quem são as pessoas que lá se encontram. Pessoas essas que gastam com facilidade num dia, o que aquela rapariga ganha por mês. Portanto seria colocá-la constantemente num pé de inferioridade, que acabaria por azedar os feitios mais resignados.

Bem sabes que eu gosto de golf e que não acho mal um certo luxo. Quantas indústrias que dão de ganhar a milhares de pessoas, deixariam de existir, se fôssemos todos franciscanos!

Mas, querida, não dêmos a ninguém a ocasião de sentir inveja. Guardemos as nossas maiores elegâncias para serem apreciadas por pessoas que tenham o mesmo do que nós, ou mais, mas tenhamos a maior cautela nas nossas relações com aqueles que vivem com dificuldades. Sobretudo no que se deve atender bem, é em não tomar como simples e naturais, coisas que o não são para todos.

Uma mulher pode perdoar a outra a sua abastança, se ela fôr reconhecida à Providência de a ter, mas nunca se tomar como natural os prazeres exagerados da vida e... (quantas vezes acontece!) se ainda por cima se queixar.

Desejando-se ser amável, convidando uma rapariga para uma festa, indague-se primeiro, discretamente, se tem vestido. No caso de não o ter, encontre-se a maneira de lh'o oferecer, ou de lhe fazer ganhar o dinheiro necessário, para que o possa ter. Não demos ensejo que responda: «Não posso aceitar porque... tenho muito sono à noite» e que passe justamente essa noite sem dormir, filosofando amargamente sôbre as diferenças da sorte!

Li um conto, há muitos anos, que me ajudou a abrir os olhos sôbre êste assunto. Chamava-se «À cause dune robe». Uma rapariga perdia a única ocasião de arranjar a sua felicidade porque não tinha o vestido com que ir a um baile. Era tão bem escrito e fez-me tanta impressão, que nunca mais me esqueceu.

Tem-me ajudado a compreender muitas situações aflitivas que teriam passado por mim, sem que eu reparasse nelas.

E afinal é tão fácil de julgar os sentimentos dos outros... pondo-nos no lugar dêles!...

Como vai comprida esta carta! Mas, imagina tu, ainda queria filosofar mais contigo. Como o tempo está bonito a-pesar-de frio, passa por aqui àmanhã, traz a tua raquete, e vamos conversando as duas até à Tapada da Ajuda, onde jogaremos uma partida de «tennis». Não sai caro como o «golf», e aquece muito. Não achas?

Bem amiga,

Marie

POR ONDE ANDAM OS NOSSOS CHAPÉUS?...

ANTIGAMENTE, os chapéus traziam-se na cabeça e por vezes seguros com grandes pregos embolados, tal era o perigo dessa arma terrível!

E como a cabeça era o lugar certo e indispensável dos chapéus, até havia quem dissesse que certas cabeças só serviam para pôr chapéus!...

Hoje, parece que nem para isso já servem algumas cabeças, pois os chapéus andam na mão...

Em casa, noutros tempos, também os chapéus tinham o seu lugar determinado; guardavam-se, muito bem aconchegados em papel de seda, numa caixa própria.

Agora, a maior parte dos chapéus vêm das lojas metidos num democrático saco de papel e em casa são tratados com uma sem-cerimónia que faria chorar (se os chapéus que têm *penas* tivessem também lágrimas) os aristocráticos chapéus de plumas e *aigrettes* das nossas mãis.

Ao entrarmos em casa, o nosso primeiro gesto, é para tirar o chapéu. E se chegamos cansadas, fica abandonado sôbre a primeira cadeira vaga, junto da cadeira-onde nos sentamos.

Cuidado! não venha algum distraído sentar-se sôbre êle e transformá-lo num figo!...

Se nos espera uma visita na sala, o chapéu vai coroar o primeiro *bibelot* que encontramos à mão: uma jarra que fica exòticamente florida... um candeeiro que fica com um estranho *abat-jour*... um busto venerando que fica irreverentemente com um chapéu à banda... E ali fica o chapéu esquecido, ao pó, até voltarmos a sair.

Outras vezes, o pobre chapéu é atirado para cima duma mesa com os livros e cadernos da Escola à mistura; e, quando se vai estudar, como estorva sôbre a mesa, é de novo atirado, como uma bola, para cima da cama ou de qualquer outro móvel, sem que, coitado! jámais encontre pouso certo e acomodado.

Pobres chapéus! Tratados assim, adquirem depressa um ar deformado e envelhecido, que lhes tira tôda a graça.

AR LIVRE

AQUI há tempos, uma boa e simpática rapariga — a quem, para ser perfeita, só falta pertencer à Mocidade... — preguntou-me, num tom de mal disfarçada censura, «se é verdade que na Mocidade são contra os desportos».

A resposta era fácil de dar: respondi-lhe com a verdade. Disse-lhe que a educação física faz parte do programa da M. P. F. e, por conseguinte, os desportos estão incluídos nesse programa.

A Mocidade não é contra os desportos; pelo contrário, aprova-os, pois os desportos bem escolhidos e bem orientados podem ser óptimos meios de aperfeiçoamento físico e até de aperfeiçoamento moral, suscitando e desenvolvendo «a disciplina da vontade, a confiança no esfôrço próprio, a lealdade e a alegria» (artigo 4.º do Regulamento da M. P. F.).

A Mocidade só põe aos desportos as seguintes reservas, e, estas, inteiramente justas:

«§ único. Serão excluídas as competições ou exibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural da mulher e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino».

Isto não é condenar os desportos: é preservar de exagêros que estragam tudo; é defender — como é nosso dever — as raparigas de males que podem ser evitados.

A M. P. F., é uma organização do seu tempo, de espírito moderno e de idéias largas — não fecha as suas filiadas em tôrres de marfim, onde passem a vida só a fiar!

De resto, os desportos não são uma novidade do século XX. As donas e donzelas dos tempos idos não conheciam a palavra desporto, mas praticavam-no.

Não tomavam parte em concursos hípicos para ganharem taças de honra, mas saltavam obstáculos perseguindo lebres, javalis e raposas.

Não disputavam primasias em matchs internacionais de tennis, mas jogavam com entusiasmo e destreza o jogo da bola.

O que não impedia essas mulheres, a quem a vida ao ar livre e o movimento — os desportos chamemos-lhe assim — interessavam e apaixonavam, de serem boas cristãs, boas esposas, boas mãis e até ás vezes hábeis políticas.

Na ausência dos maridos — que a guerra ou as cruzadas afastavam para longe — eram elas, as amazonas dos tempos de paz e folguedos, que recebiam os embaixadores e governavam os seus estados.

Hoje, que as princesas já se vão tornando raras, graças a Deus ainda existem mulheres que sabem deslisar em skis sôbre a neve e embalar um berço; jogar o golf e governar a sua casa; remar e dirigir uma obra social.

E desde que assim seja, desde que o desporto conserve o lugar secundário que lhe compete, não é mal nenhum gostar de patinar ou de montar a cavalo!

O mal está em não pensar senão em skis e não saber pegar numa agulha, ou em não sonhar com raquettes e não saber pôr uma panela ao lume!

O mal está em sacrificar os seus deveres de estado aos divertimentos ou em prejudicar a nossa saúde com excessos desportivos.

A «Mocidade» deseja que as suas filiadas sejam raparigas «completas»: aptas para tudo.

Madame de Maintenon dizia às alunas aristocráticas de S. Cyr: «Il faut que vous sachiez figurer à la cour et à la basse — cour.»

É um desejo semelhante o nosso: desejamos que as filiadas da Mocidade façam boa figura em tôda a parte: tanto nos serviços domésticos como nos campos de jogos.

Decerto que não desejamos que venham nos jornais notícias parecidas com esta que deu brado numa carta diplomática do século XV: « A mulher do Duque de Milão e a mulher do Duque de Bari lutaram hontem uma com a outra, tendo sido esta última que venceu!»

É evidente que o box não entra no programa da Mocidade!

Mas a Mocidade não impede as suas filiadas de praticarem os desportos que mais lhes agradarem, desde que estes desportos sejam próprios para elas.

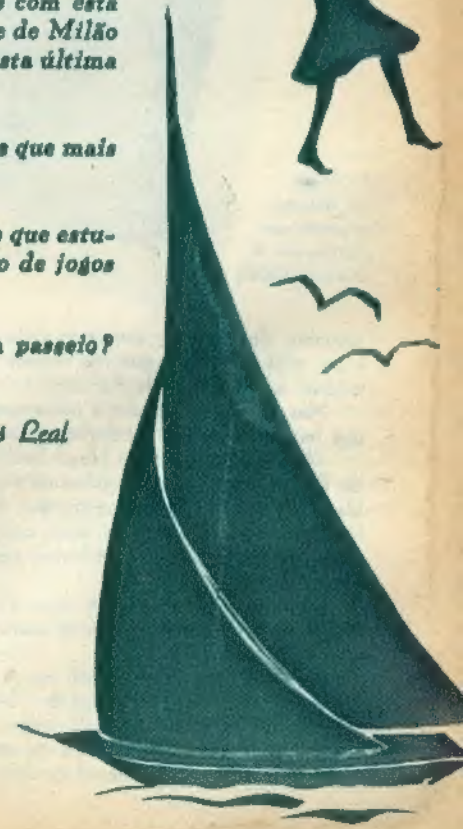
E existem tantos desportos que não ficam mal a uma rapariga!

A vida ao ar livre é sàdia, retempera o corpo e o espírito, e as raparigas que estudam, pelos menos aos domingos, ganhariam mais em passar o dia num campo de jogos do que num cinema.

Mas nem tôdas podem praticar desportos.

Porque não aproveitam, essas, o nosso lindo sol de inverno para dar um passeio?

A marcha também distrai e também é um exercício tonificante.

Maria Joana Mendes Leal

O DIA DA MOCIDADE

O 1.º de Dezembro é o «Dia da Mocidade». Foi nesse dia que Portugal ressurgiu: e a ressurreição é ainda mais do que o nascimento, porque é a vida imortal!

Foi bem escolhido êste dia para a «Mocidade» reanimar o seu espírito nacionalista, recordando os heróis que arriscaram a vida para tornar Portugal de novo livre e dando graças a Deus que abençoou o seu gesto ousado.

Em homenagem aos heróis de 1640, um castelo da M. P. F. foi, de manhã, depor um ramo de flôres no monumento dos Restauradores.

Em seguida, grande número de Dirigentes e de Filiadas assistiram na Igreja dos Mártires à missa e ao «Te-Deum» que S. Ex.ª Rev. o Sr. Arcebispo de Mitilene celebrou e foram acompanhados com cânticos por um grupo coral de filiadas.

No fim da missa, o Sr. Arcebispo fez uma alocução em que, referindo-se ao miliário de oiro que se encontrava no «Forum» romano e servia de marcação aos caminhos do Império, comparou cada festa do 1.º de Dezembro a um miliário glorioso que nos recorda o miliário de oiro da nossa história: a restauração de Portugal.

Mas se é bom recordar o nosso passado de glória, — disse — o que importa sobretudo é trabalhar no presente, preparando o futuro.

«Aqui, nesta Igreja de Nossa Senhora dos Mártires — mártires da Pátria e da Fé — sob o olhar da Padroeira de Portugal, jurai a Deus que os filhos que Deus vos der, haveis fazer deles bons portugueses e por isso mesmo bons cristãos, para glória e salvação nossa, para glória e salvação deles, para glória e salvação de Portugal!»

Cantado o «Te-Deum» e dada a bênção do Santíssimo Sacramento, o Sr. Arcebispo retirou-se precedido pelos guiões e bandeiras da Mocidade.

A manhã estava linda, uma manhã clara e alegre, como dizem que foi a do 1.º de Dezembro de 1640.

Três séculos passados e tudo se repetia... O mesmo sol dourado, o mesmo amor pela Pátria no coração dos bons portugueses, a mesma Hóstia erguida nas mãos dum Prelado...

A Comissária Nacional colocando os distintivos às Chefes de Castelo

Graduadas colocando uma palma de flores no monumento dos Restauradores

A Graduada Maria do Carmo Carmona da Costa entregando um ramo de rosas à senhora Condessa de Rilvas

Grupo das Graduadas que receberam o distintivo de Chefes de Castelo

D. Rodrigo da Cunha — então Arcebispo de Lisboa, que nessa manhã, com a Hóstia nas mãos, abençoou a revolução que tinha ajudado a preparar — é hoje um punhado de cinzas... Os heróis da Restauração sombras do passado... Mas Portugal vive! Portugal imortal!

À tarde realizou-se uma sessão festiva no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

Presidiu à sessão a Ex.ma Sr.ª Condessa de Rilvas, Presidente da O. M. E. N., que tinha à direita a Comissária Nacional da M. P. F., D. Maria Baptista Guardiola, a Adjunta D. Fernanda de Orey e a Sub-Delegada Regional, D. Maria Emília da Costa; à esquerda a Adjunta D. Maria Luiza Van-Zeller, e a Delegada Provincial, D. Alice Guardiola.

As bandeiras e guiões da M. P. F. erguiam-se no fundo do palco, que à frente estava enfeitado com verdura e flores.

E eu pensei que êsse verde era o símbolo da esperança que renasceu em Portugal, e essas flôres — maravilhas — simbolizavam a nossa Mocidade.

Um efeito de luz avermelhava as lanças de metal das bandeiras e guiões: como se o sangue dos heróis da Restauração as tivesse tingido e nelas ficasse um esplendor de glória!

Nas galerias, entre colchas de damasco vermelho, laços de flôres naturais faziam uma ornamentação original e feliz, diremos mesmo carinhosa: ia realizar-se a primeira entrega de distintivos às graduadas — laços de oiro!

Depois de cantado o hino da Restauração, foi dada a palavra à Secretária Geral da M. P. F., D. Aurora David, que falou sôbre «Duas datas»: 1640, a data gloriosa da Restauração, que expulsou os usurpadores estranjeiros e 1926, a Revolução Nacional que reagiu contra os inimigos internos.

«1640 repetiu-se na nossa história, e sois vós, queridas raparigas, as filhas dêsse movimento libertador que nos veio pôr em face do nosso destino de cristãs e portuguesas. A Pátria precisa da vossa virtude, da vossa abnegação, da vossa alegria, do vosso amor, para se salvar e voltar a ser grande no mundo.»

UM ASPECTO DO SALÃO DO LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO NA SESSÃO DO 1.º DE DEZEMBRO

Falou a seguir a Delegada Provincial da Extremadura, D. Alice Guardiola, que começou por agradecer à Sr.ª Condessa de Rilvas ter-se dignado presidir àquela sessão, que tinha como motivos especiais a distribuïção dos prémios e diplomas concedidos a alguns dos berços da Exposição realizada em Dezembro de 1938, por ocasião da «Semana da Mãi», e dos prémios conferidos aos melhores trabalhos do II Salão Estético da M. P.

Para não alongar demasiadamente a sessão, disse que seriam apenas proclamados os Centros e os nomes das Filiadas premiadas, devendo os prémios ser entregues pelas Sub-Delegadas Regionais, nas respectivas Sub-Delegacias.

Dirigindo-se em especial às que freqüentaram a 1.ª Escola de graduadas, disse-lhes: «Ides receber hoje, pùblicamente, o distintivo de graduadas. Não traduz êle arrebique que de futuro ostentareis na vossa farda. É antes o símbolo do «compromisso de honra» que ides tomar.

Dentro de alguns instantes a nossa Comissária Nacional fará a imposição do «laço de ouro» a cada uma de vós.

Um laço é união e o ouro com que êste foi bordado traduz o alto valor e a beleza dessa união.

Ficareis com êle mais obrigadas ao cumprimento dos vossos «deveres»: deveres de filhas e de irmãs — deveres de estudantes e de raparigas.

Ficareis com êle investidas no vosso cargo de «chefes», e cada uma levará consigo a autoridade que lhe advém dessa investidura.

E' preciso que não desmereçais nunca a confiança que em vós depositamos.

Que em tôda a parte e sempre sejais «um exemplo vivo a seguir».

Vivei, como portuguesas que sois, para a Pátria portuguesa. E à semelhança das grandes figuras da nossa história.

VIVEI O AMOR DE DEUS — que é a Verdade e o Bem.
O AMOR DE FAMÍLIA — que é ternura e respeito.
O AMOR DA PÁTRIA — que é esfôrço e sacrifício.
E O AMOR DO PRÓXIMO — que é abnegação e caridade.
EIS O PROGRAMA IDEAL DA VOSSA VIDA!

Seguiu-se a imposição de insígnias, feita pela Comissária Nacional da M. P. F., às 64 chefes de castelo.

Ao terminar êste acto, a graduada Maria Luíza Monteiro do Amaral agradeceu às Dirigentes da M. P. F. «a devoção e o carinho com que contribuíram para a sua formação de chefe de Castelo».

E depois de ter falado com entusiasmo da Mocidade e de ter mostrado qual é o seu espírito e a sua missão, terminou com «afirmações» que a sua voz vibrante e fresca fez chegar aos nossos corações:

«Prometemos com firmeza, Senhoras Dirigentes da M. P. F., seguir incessantemente os vossos conselhos e cumprir inteiramente as vossas ordens. Pena é que a nossa pouca idade e pequeno conhecimento das coisas da vida vos não possa servir para uma colaboração mais útil. Alguma coisa colocamos ainda à vossa disposição: o entusiasmo e a alegria da nossa juventude, que pode gritar bem alto às filiadas novas que chegam e às raparigas indiferentes, a nossa fé profunda nos destinos de Portugal, governado pelos princípios do Estado Novo. Esse grito vindo do fundo da alma, capaz de despertar tantos corações ainda frios, perante esta luz viva da nossa prosperidade material e espiritual — êsse grito podemos nós fazê-lo ouvir por Portugal inteiro!

Podemos gritar sem cessar às entidades adormecidas:

Portugal redimido!
Portugal engrandecido!
Portugal cristão!
Portugal eterno!
Por Portugal!
Por Portugal!
Por Portugal!»

E por fim, a encerrar a sessão, falou a Sr.ª Condessa de Rilvas, Presidente da O. M. E. N.

Depois de ter manifestado a sua satisfação por ali se encontrar a presidir àquela sessão e a sua íntima alegria por verificar o renascimento admirável que se está verificando na nossa Mocidade Feminina — «renascimento que sério, profundo, corajoso, que assegura ao nosso país um futuro digno da sua História» — a Sr.ª Condessa de Rilvas, dirigiu-se em especial às graduadas.

Algumas palavras.

«Ser graduada é uma honra, mas também uma responsabilidade.

Ser chefe exige o exemplo, o dom de si próprio, o desinteressado amor pelos seus subordinados, uma dedicação que não espera recompensa.

Têm agora as chefes de castelo de educar as suas subordinadas, de lhe formar o espírito: formar-lhes a vontade, dar-lhes o gôsto do esfôrço, acender nas suas almas uma grande e nobre paixão por um ideal superior que exalte a sua coragem e lhes dê uma atmosfera de felicidade pacífica e suave.»

E a linda festa do «Dia da Mocidade» terminou com o hino da «Mocidade Lusitana.»

Maria Joana Mendes Leal

O MONUMENTO DOS RESTAURADORES VISTO DE NOITE

INVERNO

Porque no inverno as árvores sem fôlhas parecem esquelêtos descarnados e a Terra dura e fria parece a sepultura da própria vida, porque as aves cessam de cantar, e a alegria fugiu da natureza, chamam ao inverno uma estação morta.

Mas nesta aparência de morte que o inverno toma, realiza-se um escondido e magnífico trabalho de vida. E' o inverno que — como diz Afonso Lopes Vieira, no «Elogio da Neve» —

«. . . cria a primavera
a glória moça da Terra,
a madrugada dos gomos
e a adolescência das flôres!»

No inverno, como em tôdas as estações do ano, Deus continua a obra da criação, que jámais se interrompe, pois se Deus cessasse de criar, o mundo deixaria de existir...

E Deus que desfolhou as árvores e faz cair a neve, vai já pensando com amor nas flôres que uma seiva nova fará desabrochar nessas árvores e no sol que ha-de derreter a «imensa mortalha fria» de neve, para que não nos falte «a água para regar a horta mais o pomar — nosso pão de cada dia»!

A primavera é linda! Mas louvemos a Deus pelo inverno que traz em seu seio a primavera!

O inverno também tem os seus encantos.

Cruzeiro coberto

«Tu acendes o carinho
pela ternura do ninho;
a tua presença cria
o agasalho dos lares
e a intimidade do lume. . .

O inverno é a estação da família, é o poema do lar...

«. . . por ti o agasalho brando
da casa;
por ti o doce calor
ao pé do lume, cismando,
debaixo da morna asa
do seu amor. . .»

O inverno é ainda a estação de caridade.

Aconchegados no cantinho doce do nosso lar, seríamos ingratos para com Deus se não pensássemos naqueles que têm frio e têm fome!

Faz tanto frio lá fora! A própria Noite

«. . . diz, de encontro à porta:
«Deixai, deixai-me entrar, que venho morta
De frio e medo à própria escuridão. . .

E dentro, o fogo, em ímpetos de amor:
—«Deixai que eu vá. . . — E diz o lavrador:
—«Pobres! entrai. . . Aqui há lume e há pão!»

(António Correia de Oliveira).

Inverno! Bemdito sejas tu porque no lar aproximas os corações e porque nos nossos corações fazes um lugar aos pobrezinhos de Deus!

COCCINELLE

PÁGINA DAS LUSITAS

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ...

LUDOVINA *e o seu mal*

No lindo Jardim da Estrêla, naquela tarde de inverno fria, mas soalheira, as crianças corriam e brincavam com despreocupada alegria. Pelos bancos do jardim, pintados de encarnado, havia velhotes fumando pontas de cigarros com delícia; senhoras vestidas modestamente, mestras estrangeiras, criadas e «misses», ali costuravam ou liam, vigiando as crianças entregues à sua guarda.

As correrias seguiam-se umas às outras, acompanhadas de alegre gritaria; e o jôgo das escondidas tão velho já, e afinal sempre novo, enchia de animação o esplendido jardim.

— Menina Ludovina! — gritou uma criada velhota levantando-se a custo do banco onde costurava para descobrir no bando de pequenas que corria, perseguido pelas outras, a sua menina. Mas Ludovina não respondia e o jogo prosseguia.

— Oh senhora, deixe-a correr, crèdo! — observou uma das criadas, sentada no mesmo banco.

— Não, que vocemecê não sabe a fôrça da menina Ludovina! — respondeu a velhota — é capaz de se esconder e de me ralar até que fechem o jardim!

As outras criadas riram; mas a velhota, pondo a mão na testa a abrigar os olhos do sol, continuou perscrutando a larga rua onde se encontravam:

— Olhem lá vai ela adiante das outras, vêm-na? Bem, já estou descansada.

E, na verdade, à frente do rancho via-se uma pequena de 9 a 10 anos correndo à desfilada.

Mas qualquer coisa de estranho se passou, de repente, entre as crianças. Reunidas num magote, que de longe se distinguia mal, gritavam, gesticulavam, agarravam-se...

E no meio da gritaria ouvia-se distintamente clamar com hostilidade:

— A Ludovina! A Ludovina!

O que se passava entre a criançada que, momentos antes, brincava alegremente? O que teria provocado aquele motim que já de longe assustava a velha criada?

— Ai, valha-me Deus! que terá feito aquela alminha... — murmurou ela, dirigindo-se para o rancho.

Quando lá chegou, porém, não encontrou Ludovina.

— Está fula! está doida! — diziam algumas pequenas.

— E tudo isto porquê? porque o Chico fez troça dela, empurrou-a e passou-lhe adiante!

— Nunca se viu um génio assim!

— Eu já lhe disse, até, que êste génio dela é um pecado mortal.

— É a ira!

A velha criada resolveu-se a procurar Ludovina; mas as suas pernas a custo a levavam, inchadas e doridas pelo reumatismo. Ludovina corria sempre...

À cabeça em fogo, o coração palpitante, apoderara-se dela uma verdadeira fúria contra o Chico, aquele Chico, trocista sempre, que a vexava diante das outras crianças...

Descendo a rampa da antiga Cova da Ursa, Ludovina parou enfim.

E, vendo-se sòzinha, sentou-se no banco e desatou a chorar de raiva. Tapára o rosto afogueado com as duas mãos; e os soluços sacudiam-na violentamente... Mas um abraço terno, uma voz doce, numa súplica, fizeram-na de repente, levantar a cabeça; e, viu Maria Luiza, a sua companheira mais querida, sentar-se a seu lado.

— Que queres? Vai-te embora! — gritou Ludovina, zangada.

— Deixa-me ficar ao pé de ti, Vina — pediu a pequena, baixinho.

— Vai-te, já disse — respondeu Ludovina, empurrando-a.

— Ouve-me, Vina, eu sei uma maneira de te passar a zanga, queres que te diga? — continuou Maria Luiza. Ludovina sacudiu a cabeça.

— Se tu soubesses, Vina...

— Não quero que me passe a zanga; e tu és uma pateta — replicou Ludovina.

— Mas é que assim nunca has-de ser feliz, Vina; e eu quero tanto que sejas feliz...

Ludovina, menos agitada, destapou a cara; e Maria Luiza continuou:

— Eu sei como é que se mata a ira, Vina, e quem mo disse, sabes quem foi? Eu explico tudo; ouve-me bem:

A zanga é como uma espécie de bicho furioso que se mete dentro de nós, sabes? Um verdadeiro demónio, Vina!

— E?...

— Pois é; quem me disse foi a Joaquina velha que foi ama do Pai. E para matar êsse bicho basta... contar devagarinho até dez!

— Ora adeus; estive eu a dar-te ouvidos... — e Ludovina levantou-se, zangada.

— Anda, conta — insistiu Maria Luiza, a rir. Ludovina, ainda de má vontade, começou a murmurar:

— Um, dois, três, quatro...

— Continua — tornou Maria Luiza.

— Cinco, seis, sete, oito, nove, dez!

— Menina Ludovina! — chamou a voz da criada.

— Não me digas nada, Maria Luiza — murmurou Ludovina; e de rijo, já calma, respondeu, sorrindo à velhota:

— Lá vou já, Conceição, lá vou.

E o certo é que, dali por diante, Ludovina conseguiu vencer o seu mal. Quando sentia a zanga apoderar-se do seu espírito começava a contar... E a fúria passava-lhe sempre.

AVENTURAS DE ROSA *teimosa*

No meio dum lindíssimo parque, no velho bairro da Estrêla, erguia-se uma casa, apalaçada e luxuosa, onde vivia a família Menezes: os pais e uma filha de dez anos, chamada Rosa.

Rosa era uma pequena bonita e engraçada; o cabelo loiro como o oiro e encaracolado, os olhos dum azul puríssimo, as faces rosadas como certas rosas, chamadas — Belas Portuguesas.

O certo é que Rosa justificava bem o nome que lhe tinham pôsto: era uma verdadeira rosinha!

Adorada e amimada por todos, Rosa vivia alegre naquela linda casa; e as brincadeiras no parque, em jogos e correrias com os primos e o rancho amigo, não tinham fim.

Generosa de coração, expansiva com todos, viva como poucas, raras vezes provocava zangas ou brigas; e tanto as mestras como as criadas todas a estimavam com verdadeiro carinho.

Um só defeito vinha ensombrar o feliz temperamento de Rosa: era a teimosia.

O pai, que muito se ocupava da sua educação e queria a filha perfeita em tudo, desconsolava-se com isso; e dizia-lhe às vezes:

— Se não te emendas, minha filha, passas a ser para todos Rosa Teimosa... — e Rosa choramingava um pouco.

Mas... era mais forte do que ela. Em se lhe dizendo para fazer uma coisa, sentia um louco desejo de fazer o contrário!

A mestra inglesa, a boa Miss Parker, ralhava com ela e dizia-lhe em inglês:

— Oh Rosa, Rosa! não sabes que a teimosia é característica... dos burros?

As criadas troçavam-na às vezes:

— A menina com essa teimosia assim nem parece esperta... faz lembrar as mulas, salvo respeito!

Só a mestra alemã, que era também teimosa nas suas ideias, não a censurava e dizia:

— Teimosia é quási o mesmo que fôrça de vontade... vence quem é teimoso.

Mas esta opinião absurda era emitida sem os pais de Rosa ouvirem, é claro. E Rosa ia crescendo sem vencer o seu detestável defeito... Era para todos: Rosa Teimosa.

Numa tarde de Junho, sabendo que havia uma feira no Campo Grande, Rosa pediu aos pais que a deixassem ir com a Fräulein; achava tanta graça às feiras! Aquelas barracas de mil coisas, as rifas, os fantoches, a loiça de barro, o tiro às garrafas, os ciganos, tudo era para ela motivo de interêsse; e nunca esquecera uma feira dos arredores de Lisboa onde fôra um dia com as criadas.

Mas o pai não tinha vontade de a deixar ir.

— Se tu fôsses obediente à Fräulein, se não tivesses a mania de ser teimosa, ainda vá; mas assim, não te deixo ir. E acabo de saber que a Fräulein hoje à noite não te pode acompanhar, Rosinha.

Rosa tinha lágrimas nos olhos.

— Deixem-me ir com as duas criadas, sim? Elas morrem por isso, coitadas... — insistiu ela.

E, depois de muito pedinchar, Rosa conseguiu a desejada licença; iria pela tardinha, logo a seguir ao jantar, com as duas criadas, Joaquina e Conceição; e levaria também a primita Maria de Jesus, que todos chamavam a Jújú.

Rosa não cabia em si de contente; e os pais, ao verem a alegre caravana sair o portão, sorriam indulgentes.

— Obedece à Joaquina, vê lá! — gritou a mãi.

— Não sejas Rosa Teimosa! — lembrou o pai.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Querida Tia Anicá

Imagine que eu julgava terem acabado de todo as "Abelhinhas"; e afinal há, pelo menos, um Centro, o primeiro que se formou, que trabalhou à valentona todo o verão! Quando chegou o Natal as "Abelhinhas" dêsse centro, cuja Abelha Mestra se chama Vera, mandaram um caixote com mais de 50 brinquedos óptimos, além duma quantidade de roupinhas engraçadíssimas!

Que vergonha para as mandrionas e para as egoïstas que se esqueceram dos pobresinhos! Aqui lhe mando a carta que a Vera escreveu à directora da Página das Lusitas e que tanta alegria deu a essa senhora!

Sua amiga

MARIA AMÉLIA

Lisboa, [illegible] de Dezembro de 19[illegible]

Minha querida amiguinha:

Venho enviar-lhe as coisas das abelhinhas que consegui juntar para serem distribuidas pelos pobrezinhos.

Depois destas férias vou para o Colégio das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, e lá tenciono formar um novo grupo de abelhinhas caso as mestras consintam.

Um beijinho da sua amiga.

VERA MARIA

O LAR

A HABITAÇÃO

LIMPEZAS (continuação)

LIMPEZA DOS QUADROS

As molduras douradas deve-se evitar esfregá-las com fôrça para não cair o dourado. Limpam-se tirando-se-lhe primeiro o pó com um pincel e aplicando-lhe em seguida, também com um pincel, água misturada com vinagre. Por fim passa-se um pincel sêco pela moldura para a enxugar.

Se a moldura estiver suja das môscas, molha-se primeiro a parte suja para amolecer a sujidade e esta se despegar por si mesma.

LIMPEZA DE BIBELOTS

Os *bibelots* de *biscuit*, para não ficar o pó metido nas cavidades, ensaboam-se bem e depois deixa-se-lhe correr por cima a água duma torneira. Também se podem lavar com uma escovinha.

LIMPEZA DE ESPELHOS

Os espelhos não devem ser lavados com água porque ficariam bassos. Lavam-se com alcool e esfregam-se com um pano para dar brilho.

LIMPEZA DE METAIS

Os *metais amarelos* arêam-se com solarina.

As *pratas* limpam-se com crê, mas é preciso ter cuidado em não deixar o pó metido nos ornatos; teem de ser bem escovadas.

Também podem ser limpas com água e amoniaco, mas não se deve usar êste meio com muita frequência porque o amoniaco come a prata.

LIMPEZA DE CORTINADOS E REPOSTEIROS

Os reposteiros devem ser bem escovados nas dobras e enrugados porque é aí que principalmente se acumula o pó.

Os cortinados de lã devem ser batidos. Os de sêda ou veludo devem ser apenas escovados com uma escôva macia.

Se estão muito enxovalhados, ficam com melhor aspecto passando-os a ferro com um pano húmido.

APRENDER A NÃO SUJAR

Aprendemos como se limpa a casa, o mobiliário e vários objectos que adornam o nosso lar.

Mas não basta saber limpar; é preciso também saber não sujar. Evita-se assim muito trabalho e poupa-se muito tempo.

Alguns conselhos:

1.º Quando um compartimento dá passagem a outro, não se deve limpar primeiro aquêle por onde depois se tem de passar.

A girar dum lado para o outro e talvez com os pés sujos do chão do compartimento que ainda não foi limpo, ou a transportar através da divisão que já foi arranjada coisas que a podem sujar, arriscamo-nos a quando chegarmos ao fim do nosso trabalho, ter de o recomeçar.

2.º Começar pelos trabalhos mais sujos e que poderão prejudicar as limpezas feitas antes deles. Por exemplo, antes de limpar o chão dum quarto, deve-se limpar o lavatório, porque é fácil entornar-se água, e, se o chão já estivesse limpo, ficaria outra vez em mau estado.

Pelo mesmo motivo, não se limpa o fogão depois de esfregar a cosinha, nem se limpa o tecto depois de limpar as paredes, etc.

Mesmo nas coisas miúdas se deve ter cuidado: não despejar os cinzeiros depois das mesas limpas do pó, etc.

3.º Não nos servirmos de objectos para limpeza que pela sua falta de asseio, em vez de limparem, sujem...

Não varrer com vassouras sujas... Não limpar a louça com panos enxovalhados... Não enxugar a água que cai no sobrado com o primeiro esfregão de cosinha que nos vem à mão...

4.º Não atirar para o chão papéis; nem pontas de linha, quando estamos a coser; nem cascas de legumes, quando os descascamos...

Não limpar no quarto o calçado... Não sacudir os tapetes dentro de casa... Não lavar os dentes deante do espêlho do guarda-vestidos, salpicando-o... Se o quarto é encerado, estender junto ao lavatório, quando nos lavamos, um pano ou um oleado protector... Servirmo-nos do capacho ao entrar em casa... Não pegar nas coisas com as mãos sujas.

Enfim, evitar sujar para não ter que limpar!

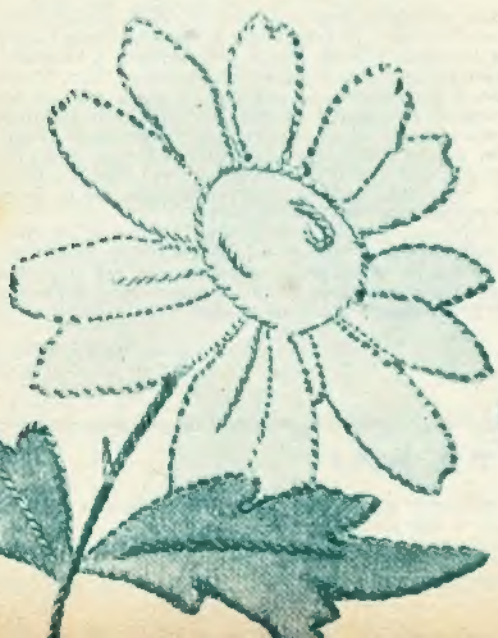
BOLO DE MÁRMORE

6 ôvos, o pêso dêstes em assúcar e em farinha; o pêso de 4 ôvos em manteiga.

Bate-se muito bem a manteiga com o assúcar, juntam-se as gemas e continua-se a bater; deita-se uma colher das de sopa de fermento, juntam-se as claras em castelo e depois a farinha. Rala-se um bocado de chocolate e mistura-se numa porção dessa massa. Unta-se uma fôrma com manteiga e começa-se a deitar umas colheres da massa branca e outras da massa a que se juntou o chocolate para dar, depois de cosido, o efeito de veios de mármore. Leva raspa de limão ou de laranja. Cose-se em forno quente.

Trabalhos de Mãos

UM LINDO TRABALHO EM APLICAÇÃO

ESTE desenho poderá servir para um pano de taboleiro, ou, feito em maiores dimensões, para uma toalha de chá. Ficará muito bonito em linho amarelo, com os malmequeres aplicados em linho branco e as fôlhas em linho verde. Circunda-se o centro dos malmequeres e fazem-se os veios das pétalas com algodão *perlé* amarelo. Os veios das fôlhas e os pés são feitos em algodão *perlé* verde, num tom mais claro que o linho. O recorte é feito em algodão *perlé* amarelo. Para o bordado de aplicação ficar perfeito, o melhor modo de o fazer é o seguinte: corta-se em cartão fino o molde exato do desenho. Corta-se depois o tecido a aplicar, um bocadinho maior do que o molde, para se poderem dobrar as bordas para dentro. Forra-se o molde com o tecido, prendendo êste com pontos pelo lado interior. Em seguida passa-se a ferro, para o tecido ficar bem vincado com o feitio do molde. Cortam-se os pontos, desprendendo-se o tecido do molde, e alinhava-se a aplicação, que por fim se cose com pontos miudinhos e tanto quanto possível invisíveis. Êste trabalho, feito assim, fica muito certo e bonito: as aplicações parecem estampadas. Não ficam com as bordas irregulares como quando simplesmente se dobram sem as vincar a ferro por êste processo.

Colaboração das Filiadas

MEDITANDO... JUNTO DO PRESÉPIO

...Jesus, pequenino por nosso amor.
Dai-me Senhor Luz, enchei-me da Vossa Paz.
A minha paz não é como a que o mundo dá...
Dai-ma Senhor!
O mundo não vo-la pode dar, mas eu vo-la dou — a Paz seja convosco.
Eis que uma nova luz brilha, nasceu Jesus, nasceu o Salvador.
Natal! Aleluia! Aleluia. «Filius Dei venit ad nos». O Filho do Altíssimo digna-se vir até nós.
O Verbo Divino incarnou e, lá longe, numa cidadezinha humilde, em Belém, nasceu num presépio o Messias.
Natal! Jesus — nome que em si encerra tôda a doçura, todo o amor dum coração divino.
E junto d'Êle Maria: Maria a Mãi de Deus, Maria a humilde descendente de David.
Glória «in excelsi Deo. Et in terra pax hominibus bonæ voluntatis» — entoavam num canto maviosíssimo os anjos do Senhor.
E vieram então adorar o Messias, pobres pastorinhos, mas simples, mas bons, pois creram e deixaram prendas para o seu Rei — prendas humildes, de humildes.
Numa gruta, sem pompas, nasce ignorado o Filho de Deus, feito homem.

Mas não muito longe já, caminhavam, guiados por uma estrêla, três reis, três senhores poderosos — os primeiros pagãos a adorarem Jesus.

Chegaram. Adoraram o Messias e ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra.

Ouro como se oferece ao Rei; incenso como se oferece a Deus; mirra simbolizando dor, amargura.

E o Senhor incarnou por nosso amor. Uma luz brilha mais alto; Jesus prègou uma doutrina tão pura, a sua lei é tão sã, que hoje a Vossa Luz, Senhor, brilha sôbre tôdas as coisas.

Derruem Impérios, quási desaparecem na sombra as figuras de grandes conquistadores, de sábios de fama, de políticos eminentes, mas Cristo não morre, vive porque é eterno, porque é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Nasceu Jesus, nasceu o Messias e uma nova luz brilha sôbre o mundo.

Que a Vossa paz e a Vossa alegria sejam comnosco! Que a vossa Luz brilhe sempre para mim, pois sois o Cristo, Filho de Deus Vivo. Dai-nos a paz e que ela reine, a Vossa Paz, no mundo,

Tojo.

NATAL

Em rústica aldeia pequenina,
Num pobre tugúrio, quási a cair,
Viviam há muito dois velhinhos
Sem pão e sem farrapo que vestir.

Aproxima-se o dia de Natal,
Dia alegre e bendito do Senhor;
Tôda a Terra s'enfeita p'ra esperar
O nascimento do nosso Redemptor.

Percorre os lares um frémito de alegria,
Tudo se prepara p'ro Natal festejar
E a todos Deus envia nêste dia
Agasalho e o pão para o jantar.

Mas a pobre choupana abandonada
O Senhor parecia ter esquecido!
Pois a fome continua atormentando,
No humilde cantinho florido.

Três juvenis e alegres vanguardistas,
Sobraçando embrulhos e pacotes,
Caminham risonhas estrada fora
Indo bater à porta dos velhotes.

No portal do casebre eis aparece
Santa velhinha p'los anos ressequida
Não sabendo explicar esta ventura
Aí se prostra, estática, comovida.

Quem sois vós, lindas pequeninas?
Pregunta ela, cheia de surprêsa.
Lhe dizem sorrindo as raparigas:
Somos a «Mocidade Portuguesa»!

....

O bom Jesus fica satisfeito
Desta nobre e santa caridade
E por ela envia lá do céu
Uma bênção para a «Mocidade».

MARIA FRANCISCA MADEIRA REIS
Filiada n.º 10.829 — Centro n.º 1 — Ala 1
Província do Algarve

O NATAL NO ALGARVE

Cada geração tem os seus usos, a sua maneira de pensar e sentir; mas, por mais frívolos que nos julguem, por mais despreocupados que sejamos, não deixará nunca de iluminar-nos a lembrança do dia de Natal.

Nós, os algarvios, sentimos a alegria que revive sempre em cada ano, quando se armam nas igrejas os Presèpios e Jesus Menino, no seu bèrço de palhinhas, é o enlêvo de todos os olhos que O fitam: quer dos pequeninos convencidíssimos que Ele há-de vir deixar, na memorável noite, nos seus sapatinhos colocados propositadamente na chaminé, os presentes que esperam, quer dos adultos que esquecem as atribulações duma vida angustiada para se deixarem invadir pela dôce paz que emana dos olhos de Jesus.

Na nossa província, em véspera de Natal, começam-se a preparar as filhoses e os fritos que juntamente com os bolos e diversas bebidas, hão-de servir para animar a reünião da família, para comemorar a mais linda hora do Ano. Mas antes da ceia, à meia-noite, na «Missa do galo» todos relembram a hora em que nasceu Jesus, humildade omnipotente. Nêste grande dia, tocados os corações da caridade que prègou Cristo, almas benfazejas distribuem fatos, agasalhos, esmolas por todos aqueles a quem a sorte não acariciou e nunca foi mais apreciada a palavra amiga que o correio há-de trazer, que o correio há-de levar.

Entre o povo algarvio é tradicional cantar-se as «Janeiras» na noite de Natal; grupos de gente pobre canta junto às portas dos mais ricos, fazendo votos pela sua felicidade; recebem em troca acepipes próprios desta quadra festiva e assim a fartura reinará em suas mesas.

ROSA MARIA JOÃO JACINTO TAVARES
Filiada n.º 10.886 — Ala n.º 1 — Centro n.º 1
Delegacia do Algarve

"DIA DA MÃI"

Passou há pouco "O dia da Mãi". Gostaríamos que as filiadas da Mocidade nos contassem como festejaram êste dia, que provas de carinho o seu amor lhes inspirou.

Gostaríamos que nos dissessem o que pensam sôbre "O dia da Mãi": se acham bonita a ideia, etc.

As respostas não devem ser muito longas porque o espaço de que dispomos é pequeno.